

Mar de gente¹

Clara Albinati

-
- 1 O texto “Mar de gente” é uma adaptação da palestra homônima, apresentada durante o *Encuentro Internacional sobre Giro Gráfico: acción gráfica, revueltas y antifascismos*, realizado em maio de 2022, no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), na Espanha. O encontro ocorreu no marco da exposição Giro Gráfico: como en el muro la hiedra, organizada pela Red Conceptualismos del Sur (REDCSUR) e MNCARS. Participei da pesquisa curatorial da exposição, junto a cerca de outros trinta pesquisadores latino-americanos. Giro Gráfico (2022) coloca em diálogo ações gráficas de resistência na América Latina dos anos 1960 à atualidade, a exposição se organiza em zonas ou conceitos relacionados às gráficas. As mesas do encontro internacional também se relacionavam a essa organização. Participei com “Mar de gente” na mesa “Corpos Gráficos: matrices para una coreografía callejera”. O conceito “corpos gráficos” se refere a estandartes, bandeiras, camisetas e cartazes que, “vestidos” por um corpo coletivo, ou como extensões deste, ou, ainda, tendo o corpo como suporte, ocupam de forma efêmera o espaço público. Em minha pesquisa busquei apresentar ações gráficas de coletivos belo-horizontinos, atuantes no Brasil desde o golpe de 2016. Para mais informações sobre Giro Gráfico, ver: <https://www.museoreinasofia.es/exposiciones/giro-grafico>.

Um mar atravessa as ruas do centro da cidade. Um grupo de pessoas, vestidas com trajes praianos, caminha pela avenida. Sobre as cabeças, levam uma enorme lona azul que, acompanhando o passo coletivo, move-se como ondas. O mar de gente se dirige à praça da Estação, em Belo Horizonte. Essa praça é um espaço simbólico de encontro em uma região central, popular e precarizada da cidade. Ali ocorreram e ocorrem manifestações, eventos políticos e culturais. Na praça, viajantes e pessoas sem-teto descansam em suas poucas sombras, é um lugar amplo e um tanto inóspito, conectado à Estação Central da cidade, onde passa o metrô e os trilhos de trem que se dirigem à praia que podemos visitar, se há a possibilidade, durante as férias. Minas Gerais é um estado sem acesso ao mar.

Em dezembro de 2009, o então prefeito da cidade, Márcio Lacerda (Partido Socialista Brasileiro), lançou um decreto que proibia “eventos de qualquer natureza” na praça da Estação e, posteriormente, um segundo decreto, regulamentando seu uso mediante pagamento, o que na prática representava a privatização da praça. Empresas e instituições poderiam alugar o espaço público, restringindo o acesso da população ao mesmo. Em protesto a essas medidas, em janeiro de 2010 a praça da Estação passou a ser ocupada por banhistas-ativistas, sendo rebatizada como Praia da Estação. Daí também surge o Bloco da Praia da Estação – uma agrupação carnavalesca. Essa experiência contribuiu para o renascimento do carnaval de rua da cidade – muito escasso em Belo Horizonte à época – e para a retomada do espaço público desde uma perspectiva festiva e inventiva, perspectiva esta que se mescla às manifestações políticas (Migliano, 2013; Motta, 2014).

Assim, a intervenção *Mar* (2011) foi realizada na praça da Estação, em Belo Horizonte, tendo como referência a obra *Divisor*, criada em 1968 pela artista Lygia Pape (Nova Friburgo/RJ). Em realidade, Pape não considerava *Divisor* uma “obra de arte” no sentido comum do termo, preferindo chamá-lo de “tela” ou, em suas palavras: “uma coisa muito generosa, uma arte pública, da qual as pessoas poderiam participar” (Pape, 1998 *apud* Souza, 2013, p. 149). Décadas depois, em 2010, o *Divisor* foi reativado na Bienal de São Paulo, e, durante a itinerância da mostra por Belo Horizonte, em 2011, foi visto por alguns dos futuros banhistas da Praia da Estação (Motta, 2014, p. 89). O *Divisor* de Pape consiste em um enorme tecido branco com diversas fendas no meio; as pessoas, colocando a cabeça nesses rasgos, “vestem a tela” que se transforma em uma espécie de roupa coletiva.

Inicialmente, o *Divisor* foi pensado para o espaço expositivo de uma galeria (Instituto Brasil-Estados Unidos – ICBEU). A artista teve a ideia de criar uma obra participativa que provocasse a sensação de divisão do corpo dos integrantes, inclusive através da alteração da temperatura do espaço – um vento frio sopraria na região da cabeça, e outro, quente, no resto do corpo. O projeto inicial não pode ser concretizado por limitações financeiras (Souza, 2013, p. 150).

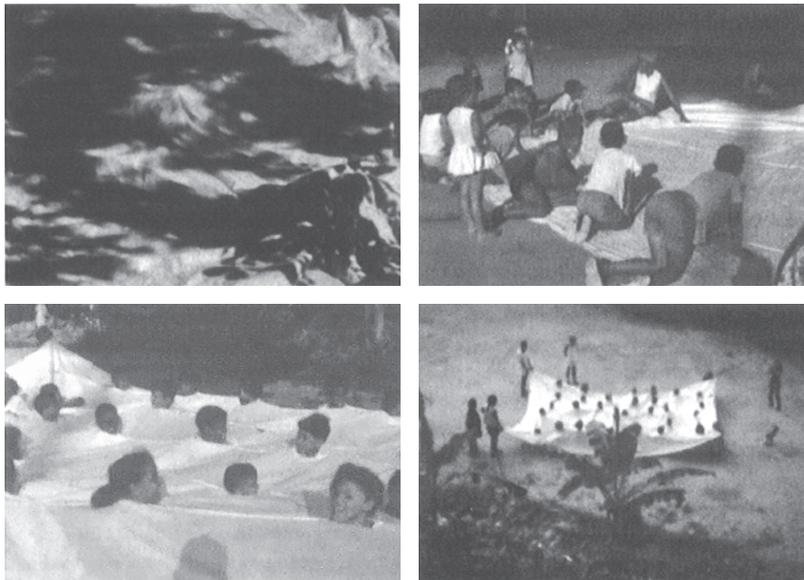


Figura 1 – Fotogramas de vídeo super 8mm, Lygia Pape, 1967

Fonte: Borja-Villel *et al.* (2011).

Pape resolveu, então, levar o *Divisor* à rua. A artista comenta sobre essas primeiras intervenções:

No final da minha rua, que é sem saída, há um rio, uma pequena ladeira e havia uma favelinha. Eu fiz o primeiro e não sabia muito bem como ia mostrar para as pessoas, então eu o abri na ladeira, espalhei pelo chão, que não tinha objetos interferentes. Ficou muito bonito com a projeção da mata sobre ele. Aos poucos as crianças da favela começaram a pular em cima do pano, escorregar sobre ele, acharam uma brincadeira fantástica até que um levantou uma ponta do pano e descobriu uma fenda, enfiou a cabeça nela e imediatamente a criançada toda fez isso. E começaram a descer a ladeira, todos enfiados, com as cabecinhas dentro do *Divisor*. A própria estrutura levou à experimentação e realização do trabalho (Pape, [s. d.] *apud* Souza, 2013, p. 152).

Ao se referir à sua peça, Pape diz de “cabeças que conversam”. O dispositivo permite experiências em torno da percepção da individualidade e da coletividade, por estabelecer dinâmicas em que os movimentos de liberdade e de invenção de cada pessoa, assim como de restrição da ação individual pela maioria, interferem e dialogam com o todo.

“Pele de todos” e “espaços imantados” são expressões usadas pela artista ao pensar sobre o *Divisor*, situações em que certos indivíduos ou objetos criam uma espécie de “imantação” entre as pessoas ao redor. Para explicar o conceito, Pape dá como exemplo o camelô, que se detém momentaneamente em um local público para apresentar seus produtos:

[...] abre aquela malinha e começa a falar, criando de repente uma imantação, com as pessoas todas se aproximando, se ligando àquele discurso irregular [...], e de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz (Pape, [s. d.] *apud* Souza, 2013, p. 146).

Cria-se, então, uma “imantação” em torno do acontecimento, que altera, de forma efêmera, os ritmos ao redor, como se, por um lapso de tempo, todos se movessem em sintonia, formando um corpo coletivo.

Pape faz o *Divisor* em 1968, durante o regime militar. Ao final daquele ano era decretado o Ato Institucional Número Cinco (AI-5), levando ao aprofundamento da censura, da repressão e da perseguição política no Brasil. Essa medida foi, sobretudo, uma resposta do governo golpista ao fortalecimento do Movimento Estudantil que, naquele ano, representava a maior força política organizada do país. Sobre os estudantes, recaiu também grande parcela da violência ditatorial.

Ao final de 2016, os estudantes novamente representaram a vanguarda da resistência e retomaram o procedimento do *Divisor* em manifestações em Belo Horizonte e em Brasília. Vivíamos o contexto do golpe de Estado, perpetrado por Michel Temer (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) contra a presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores). O golpe, disfarçado de *impeachment*, seguia passo a passo os procedimentos dos ritos constitucionais, ao mesmo tempo em que atentava contra a Constituição de 1988. O golpe contou com o apoio dos poderes Legislativo e Judiciário, do quarto poder – representado pelos grandes meios de comunicação de massa –, do empresariado nacional e internacional e de parte da população civil. A aparência constitucional encobria a ruptura democrática.

Como um mar de gente, “vestidos” com o *Divisor*, estudantes protestavam contra a Proposta de Emenda Constitucional 247 (PEC 247), que colocava em marcha o programa “Ponte para o Futuro”, ou, como ficou popularmente conhecido o plano de governo proposto pelos golpistas, “Ponte para o Abismo” ou “Ponte para a Morte”. A PEC estabelecia o congelamento dos gastos públicos por vinte anos, afetando, sobretudo, as áreas da saúde e da educação. Naquele momento, os estudantes ocuparam escolas e universidades e sofreram enorme perseguição policial.

Em 2016, desde a Red Conceptualismos del Sur (REDCSUR), escrevemos o manifesto *Não temer o mundo, mas enfrentá-lo para criar outros mundos!*

Fora Temer! Fuera el temor (2016). No documento, observamos a adoção de estratégias de guerra na condução dos recentes governos conservadores latino-americanos:

A rápida e brutal virada à direita que está tendo lugar hoje na América Latina – após um ciclo de importantes reformas e conquistas sociais – se dá a partir da “doutrina do choque e do medo” [...]. Faz-se necessário um grito de conjuro contra os efeitos em nossos corpos da doutrina do choque e do terror aplicada em nosso continente desde os golpes de Estado dos anos 60/70 e baseada na execução de uma série de ações rápidas, violentas, avassaladoras, desproporcionais e inesperadas, para paralisar a compreensão do adversário e destruir sua vontade de lutar (Não temer o mundo, mas enfrentá-lo para criar outros mundos!, [n. p.], 2016).

Assim, nos primeiros dias de governo, Temer decreta o fim de vários ministérios, entre eles o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Também dissolve o Ministério da Cultura (MinC). Devido aos protestos, a medida foi revogada uma semana depois, mas se consumou durante o governo Bolsonaro (2019-2022).

OcupaMinC foi uma das primeiras ações populares pós-golpe, tendo surgido a partir de maio de 2016. Em resposta ao golpe de Estado e à dissolução do MinC, artistas ocuparam espaços da cultura em várias cidades do país. Ao todo, ocorreram cerca de trinta ocupações em todo Brasil. Foram dias de convivência, resistência, debate e criação coletiva. Em Belo Horizonte, a Fundação Nacional de Artes (Funarte) foi tomada pelos manifestantes. Várias pessoas dormiram e habitaram esse espaço, onde realizaram atividades diversas: conversas, oficinas e assembleias populares. Grupos de trabalho foram criados e ações foram levadas às ruas. Um dos coletivos surgidos dessa experiência foi a Gráfica Tática, que realizava um trabalho com tipografia e vestia a gráfica.

Esse primeiro momento do golpe foi marcado por extrema violência policial. As manifestações e ocupações eram reprimidas abruptamente.

Em paralelo, nas iniciativas gráficas surgidas, observamos um desvio por caminhos diversos que se inscreveram nas imagens e nas expressões criadas, como nas construções da Gráfica Tática: “Não temer o medo, qual afeto nos governa?”. Essa frase foi impressa em tipografia sobre papelão e levada a manifestações de rua.



Figura 2 – Bandeiras do Coletivo Vão. Tinta sobre tela. Belo Horizonte, 2016

Fonte: acervo do Coletivo Vão.



Figura 3 – Bandeiras do Coletivo Vão em uma manifestação contra o golpe. Belo Horizonte, 2016

Fonte: acervo do Coletivo Vão.

O Coletivo Vão² também pintava suas bandeiras, que eram levadas aos atos políticos contra o golpe. Nelas, podemos ler: “só há o poder do vivo: potência da vida” e “ninguém governa o gozo da alma”.



Figura 4 – Adesivos da campanha Fora Temer. Carnaval, Belo Horizonte, 2017

Fonte: acervo do Coletivo Alvorada.

No carnaval de 2017, como parte da campanha “Fora Temer/Fora golpista”, o Coletivo Alvorada³ criava abadás e bótons para os diversos blocos de carnaval da cidade, incorporando essa demanda entre os foliões. Nos adesivos circulavam as proposições: “Amar sem temer” e “Me beija que eu não sou golpista”.

Com o golpe, muitos que participavam das lutas políticas individualmente se uniram em coletivos – como é o caso dos coletivos Alvorada, Linhas do

2 O Coletivo Vão se formou em Belo Horizonte, em 2015. Integrado por Hortência Abreu, Nina Aragón, Ricardo Burgarelli, Ricardo Reis e Laura Berbert, em sua maioria, artistas formados pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFG). Desde seu surgimento, realizam ações e produções gráficas como cartazes, bandeiras, folhetos, livros e gravuras.

3 O Coletivo Alvorada é um grupo formado por ativistas e surgiu em 2016, como resposta ao golpe. Atua através das redes sociais, reunindo centenas de integrantes.

Horizonte,⁴ Pontos de Luta⁵ e Cólera e Alegria⁶ – ou fortaleceram grupos já existentes – como no caso do Coletivo Vão.

O Coletivo Alvorada, por exemplo, organiza-se através das redes sociais e, atualmente, é formado por centenas de pessoas com diferentes frentes de atuação – são médicos, advogados, professoras, desempregados, cozinheiras, artistas. Com grande capacidade convocatória, realiza financiamentos coletivos para suas ações, potencializando seu impacto e alcance.



Figura 5 – Bandeirão Lula Livre. Belo Horizonte, 2018

Fonte: acervo da autora.

- 4 Linhas do Horizonte (LH) é um coletivo de bordadeiras surgido em Belo Horizonte, em decorrência do golpe de 2016. Realiza grandes projetos coletivos, reunindo bordadeiras de todo país. Um exemplo do trabalho de LH é o *Tapete infinito para Lula*, parte da campanha “#Lulalivre”, composto por centenas de bordados que, reunidos, formam um tapete de cerca de cem metros de largura. A obra foi entregue ao presidente Lula na época de sua soltura. Atualmente, há derivações do LH em todo Brasil, formando o Novelo das Linhas.
- 5 Pontos de Luta é um grupo de bordadeiras de Belo Horizonte, surgido de uma dissidência do Linhas do Horizonte, em 2019. Assim como o LH, bordam nas manifestações políticas e se caracterizam por seus bordados-panfleto.
- 6 Cólera e Alegria é um grupo de artistas anônimos, atuantes em São Paulo, que também surge em 2016, em decorrência do golpe. Caracteriza-se por suas bandeiras pintadas e ações performáticas em espaços públicos.

Integrantes do Coletivo Alvorada costuraram as letras de um “bandeirão” de cerca de cem metros para a campanha Lula Livre, denunciando a injusta prisão do presidente Lula, ocorrida entre abril de 2018 e novembro de 2019.

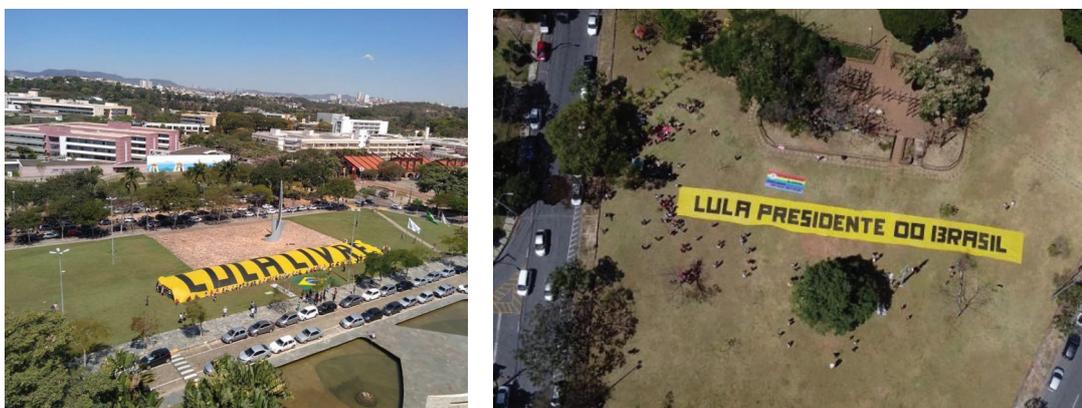


Figura 6 – Fotos aéreas de bandeirões, realizados pelo Coletivo Alvorada (2018-2022)

Fonte: acervo do Coletivo Alvorada.

Através dos bandeirões, era possível captar uma mensagem clara e contundente desde as câmeras dos drones, sendo as imagens difundidas em meios alternativos de comunicação, como Mídia Ninja, Jornalistas Livres e redes sociais. Essa estratégia também restringia a possibilidade de que os meios de comunicação golpistas criassem narrativas que os favorecessem, dificultando a repetição do mesmo procedimento utilizado durante os protestos de 2013 no Brasil, quando as redes de televisão, expulsas das ruas, filmavam as manifestações à distância, em helicópteros, manipulando e reduzindo os significados das imagens nas matérias veiculadas.

Descendo para a rua, debaixo dos bandeirões, vivenciávamos ainda outras histórias. Invenções festivas diversas.

Pensando no *Divisor de Pape*, com o bandeirão, surgia uma separação, diferenciação ou complementação entre a perspectiva de cima e a de baixo: a imagem aérea, dos drones, transmitia a vontade popular, através de uma mensagem inequívoca; ao mesmo tempo, as imagens da rua

evocam a alegria dos encontros, que se caracteriza por ser mais confusa e diversa. Um mar de gente.

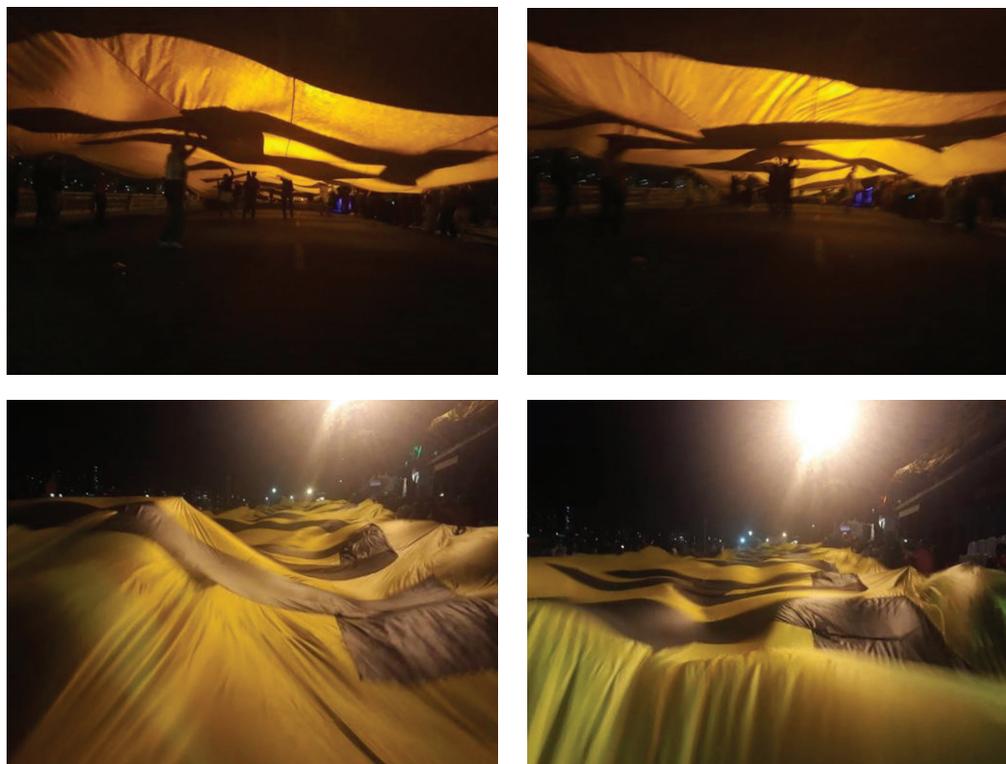


Figura 7 – Ação noturna com bandeirão, Belo Horizonte, 2018

Fonte: acervo do Coletivo Alvorada.

Os trilhos do trem que nos levam ao mar também carregam os minérios desse estado, que tem no nome a marca da exploração de seus recursos naturais. O ano de 2019 inicia com a posse de Jair Bolsonaro como presidente da República. No dia 25 de janeiro, uma barragem da mineradora Vale se rompeu, provocando o derramamento de 13 milhões de metros cúbicos de lama tóxica, alcançando a cidade de Brumadinho (MG), causando a morte de 250 pessoas – entre vítimas identificadas e desaparecidas – e de um sem-número de outros animais (O crime da Vale em Brumadinho, [s. d.]; #SOSBrumadinho, [s. d.]). Em três anos, a Vale foi responsável por dois dos maiores crimes socioambientais do Brasil, nas cidades de Mariana (MG), em 2015, e Brumadinho. Atualmente, muitas represas da companhia – privatizada durante o governo de Fernando

Henrique Cardoso (1995-2002), nos anos 1990 – estão em estado crítico, e as populações vizinhas, em constante alerta, convivem com o medo.



Figura 8 – Ação do Coletivo Alvorada por Brumadinho. Belo Horizonte, 2019

Fonte: acervo de Matheus Gepeto.

Pouco depois do crime de Brumadinho, o Coletivo Alvorada organizou uma ação, da qual também pude participar. Reunimo-nos bem cedo no Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais (Sinpro-MG) para discutir sobre o ato. Na rua, passamos lama por todo o corpo e caminhamos pelo centro da cidade, lentamente e em silêncio. Via surgir algo dos espaços imantados de que dizia Lygia Pape. A cidade estava agitada e ao mesmo tempo adormecida, as pessoas esperavam nos pontos de ônibus. Nossa passagem por elas provocava consternação, como se todos, de alguma maneira, estivéssemos vinculados aos mortos e, ainda assim, tendo que seguir a vida, trabalhar, sem poder expressar indignação, tristeza ou raiva. Ao caminhar, a lama ia secando e enrijecendo sobre nossos corpos, que se convertiam em estátuas. Na medida que vivia a experiência, me sentia muito presente e, simultaneamente, distante de mim, como se caminhasse sonâmbula. Talvez nos conectássemos de alguma forma às pessoas que viveram esse instante de terror inimaginável e que foram tragadas subitamente por um mar de lama, sem tempo sequer

de entender o que viam. Pessoas que talvez ainda transitassem por ali, como fantasmas aturdidos.

Pergunto-me se estamos destinados apenas a esse mar.

Escrevia esse texto em 2022, ainda na incerteza sobre a vitória de Lula nas eleições daquele ano. Desde o golpe, realizamos grandes mobilizações, obtendo, entretanto, poucos resultados concretos: ao final de 2016, o governo Temer aprovou a PEC do teto de gastos. Nos anos seguintes, as privatizações se intensificaram. Em julho de 2017, ainda no governo Temer, aprovaram a Reforma Trabalhista. Durante o governo Bolsonaro, a Reforma Previdenciária também foi aprovada. Ainda hoje o caso Marielle não foi totalmente esclarecido e a falta de justiça prevalece.



Figura 9 – Uma sala da exposição Giro Gráfico, Museu Reina Sofia, Espanha, 2022

Fonte: acervo de Ana Longoni.

Em um estádio de futebol, durante as Olimpíadas de 2016, manifestantes vestiram camisetas com letras capitulares que, organizadas em determinada ordem, formam a consigna “FORA TEMER”. O registro fotográfico desse momento se dissemina nos meios alternativos de comunicação e na imprensa internacional. À época, o governo golpista proibiu a realização de denúncias políticas nos jogos, o que fez com que os ativistas inventassem maneiras de escapar à censura.

Uma manifestação espectral ocorreu no Museu Reina Sofia, na Espanha, durante a exposição Giro Gráfico: como em el muro la hiedra, que apresenta estratégias gráficas de resistência na América Latina, dos anos 1960 à atualidade. “Fora Temer”, “Fora Bolsonaro”, ou ainda nossas expectativas futuras sobre a vitória de Lula nas eleições de outubro de 2022 movimentam corpos fantasmagóricos, mas muito presentes. Poderiam ser os 700 mil mortos pela covid-19 no Brasil. Muitos dos quais estariam vivos, não fosse o total descaso do governo criminoso de Bolsonaro.

Quando todo esse ciclo se aprofundava, com o desenlace do processo que consumava o golpe e a deposição da presidenta Dilma Rousseff, lembro o que Beatriz Cerqueira⁷ disse em uma vigília: “independente do que aconteça daqui em diante, temos que seguir juntos”.



Figura 10 – “Tudo que nois tem é nois”. Manifestação por Fora Bolsonaro, Belo Horizonte, 2022

Fonte: acervo da autora.

“Tudo o que nois tem é nois”. O cantor e artista Emicida lançou uma música – “É tudo pra ontem” – que traz essa ideia no refrão (Emicida – É tudo pra ontem part. Gilberto Gil, 2020). Encontro a frase escrita em um cartaz durante uma das manifestações mais recentes que participei: “tudo o que nois tem é nois”.

7 Beatriz Cerqueira é professora, sindicalista e, atualmente, deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores.

Referências

ALBINATI, C.; ALONSO, S.; CABRERA, D.; CAÑADA, L.; CARVAJAL, F.; CRISTI, N.; CRISTIÁ, M.; DAVIS, F.; BRINGAS, T. D.; HENARO, S.; HÍJAR, C.; LONGONI, A.; MANZI, J.; MELENDI, M. A.; MESQUITA, A.; MIRANDA, F.; MONGAN, G.; PELUFFO, G.; PENICHE, E.; PÉREZ, J. P.; PICCINI, M.; ARMIJO, R. Q.; SÁNCHEZ, S.; SUÁREZ, S.; VARAS, P. E.; VICCI, G. **Giro gráfico**. Como en el muro la hiedra [catálogo]. Madri: Museo Reina Sofia, 2022. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/publicaciones/giro-grafico>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BORJA-VILLEL, M. J.; VELÁZQUEZ, T. V.; BENTES, I.; BRETT, G.; CAVALCANTI, L.; HERKENHOFF, P.; PAPE, L.; OSORIO, L. C.; VENÂNCIO FILHO, P. **Lygia Pape Espacio Imantado** [catálogo]. Madri: Museo Reina Sofia, 2011.

EMICIDA - É tudo pra ontem part. Gilberto Gil. Produção: Laboratório fantasma; Emicida. YouTube, 2020. Vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>. Acesso em: 11 fev. 2023.

O crime da Vale em Brumadinho. **Greenpeace**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/o-crime-da-vale-em-brumadinho>. Acesso em: 10 fev. 2023.

#SOSBrumadinho. A lama de Brumadinho: lição não aprendida. **Greenpeace**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.greenpeace.org.br/relatorio-anual-2019/sos-brumadinho>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MIGLIANO, M. Praia da Estação como ação política: relato de experiências, envolvimentos e encontros. **Revista Redobra**, v. 4, n. 11, p. 43-54, 2013. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_05.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.

MOTTA, T. **Praia da Estação: carnavalização e performatividade**. Belo Horizonte, 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-9REMHA>. Acesso em: 9 fev. 2023.

NÃO temer o mundo, mas enfrentá-lo para criar outros mundos! Fora Temer! Fuera el temor. **RedCSur**, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://redcsur.net/manifiestos-e-intervenciones/nao-temer-o-mundo-mas-enfrenta-lo-para-criar-otros-mundos>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SOUZA, C. S. **A pele de todos: o Divisor como síntese do percurso de Lygia Pape**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.